

Fernão Lopes, Chronica de D. João I

f. 1. A afeição e oportunidade das  
coisas em quem tem cargo de ~~estados~~  
ordena historias nas ajudas ao entran-  
dicamento do governo.

f. 2. — Livro, porta de parte toda  
afirmação, "uma verdade foi em  
esta obra escrever verdade sem outra  
substancia, deixando em bons aqueci-  
mentos todo fimpido louvor, e mes-  
mente mostrar ao povo, quaes  
seu contrairas couzas, de quiza  
seu averho..."

f. 2. "... mentia em este volu-  
me, he muito apartar de nome  
o nome..."

f. 2. perfurçã de F. L. em livros e capitulo

f. 3. Havendo em outros escritos o  
intencio d'que fala a Chronica de D. João I,  
"cuidade se non sabedramente, mas  
quando muito disseron taes couzas".



12. 14. - Se o Spectro tiver caso por  
aventuras, momentos de tanta de cida  
"compria ter alguma ajuda do povo..."  
O bento pela mão a Alvaro Pais  
de "ajuda do povo" -

14. 14. Alvaro Pais beija o bento  
na boca e diz: "Hora vejo eu, fi-  
lhos, Senhores, a deferencia que ha  
dos fillos do Pais aos outros honraes."

16 - "mundo novo" no sentido  
de mundices de senhad. -

17 - Estaduzuma p<sup>o</sup> ter a ajuda do povo.

21 - D.<sup>o</sup> Carlos ensina o costume do  
ingles, que um tempo de faz nas  
levam armas - mas andam em  
boas roupas e levam nas mãos co-  
mo dragellas... Retorca o bento  
que os ingleses annos fazem por terem  
a grande guerra, os paus de  
portugueses e nós a tivemos sem ser paus,  
"na guerra nome os poderiamos reportar..."

- ff. 25. - Fala sobre a guerra "remittis deus caelestis a Rainha" D. Leonor, epi - morte do Andeiro.
- ff. 26. - Fala a sobre a guerra que matou o "treceiro do Crudo", D. João de Castro mata também a alcaide.
- ff. 30. - Descreve-se as suas fortalezas e muros do Bispo de Lisboa. -
- ff. 31. - Descreve-se o monte perante a Rainha, mas de matar o Andeiro, mas de o fazer no Paço. -
- ff. 34 r. - O povo sempre o pedem. Salvar o D. João.
- ff. 35. - O povo que alcaide D. João por seu rei.
- ff. 35 r. - Formosa e paço de D. Leonor. -
- ff. 36. - Memória de virtudes sob o D. Leonor  
 "Foi mulher muito antiga e de coraçõ  
 cavalleiros, buscador de manuscritos  
 até por firmeza de seu estado. Des por  
 ella veiron, apreenderam as mulheres ter  
 nos qmõs em seu marido, e as mentam:  
 as ~~chunha~~ coisa por outra mais perfeita:  
 mente d que se acha nos antigas tempos,  
 por outra Rainha de Portugal" -
- ff. 37. - Adis a D. João. -
- ff. 38. - D. Leonor que por man fosse pei:  
 que ~~da~~ e a deusa ver mata por boi. -

3

ff. 38 "humanas feitas se  
pela pãra pegando a entençaõ e  
nome pegando a obra que se delle  
segue...."

ff. 43 - grande popularidade de bento em hã  
ff. 46 p. As notas de revelaçõs são 4,  
sendo 2 corporais e 2 espirituais. O modo  
primario corporal e quando os olhos cor-  
porais estão abertos a um com a terra.  
há e revelaçõs perfeita, pois através  
dela não alcanço as virtudes do que ve  
mos. O segundo e quando se ve a forma  
o que tem misterio dentro, como bento  
ou arde. espirituais por onde se misterio  
na a encarnaçõs do filho de Deu. O  
modo espiritual são. o 1º quando  
por ley do Espirit Santo dequero a es-  
tância alpo e o 2º quando pelo espiri-  
to humano e utiliza de encarnaçõs,  
conhecendo alguma coisa que depois  
sabemos verdadeiramente. -

H. 47. A involução pelo nome  
 não é, a saber: pothos, visão, oracão,  
mas pothos, phantasma. G. e utrum  
 não por enclimento de estomago, às vezes  
 ou por ausência de vida, ou por amor  
 de alguma pessoa a quem pouco se  
 bem, ou por grande terror, ou por  
 causa de profundo pensamento de leve  
 moor melancolicos, ou por influxo de  
 Satanae, ou se muda um tipo de  
 luz. Assim do dia último modo  
 a saber, "mas pothos" e phantasma  
 i impariel de interpretat cada -

H. 47 PA. - O misterio de intervenção  
 cas de frei João de Barroca. -  
 neste "mas todo

H. 53. Rayoa o recebiam por seu rege  
 probo mundo o recebiam por seu rege  
 de e defensor...."

H. 55 - Um macedo (italiano?) de  
 mad nice Persiffell, fite Uonice  
 de mada. -

45  
ff. 55. d. pad ordena a Casa do Vici-  
to e luto, dis p. cada mester. -

ff. 56. d. Alvaro Pais aconsella a D.  
João "dada a quello que omro nome he, e  
promettes o que nome tendes...". Ao mes-  
to elle pareceu isto bem e sy assim. -

ff. 57. C. mestre pedra mortis e vey  
lificio ao que deo requereu, desde  
que não fosse "allice ou treigom". -

ff. 59. As historias melhor se enten-  
dem e lembram se "perfeitamente e  
bem ordenadas" e em "boom  
e claro istillo". -

ff. 60 - discuss imaginarios. -

ff. 62 - C. Almirante vice Loucaote com a rainha.

ff. 62 - A rainha "hia em cima d'uma  
amma dalbarda, cuberta com hum grande  
manto preto de maneira que ~~o~~ não  
parecia o rosto...."

ff. 63 - A bondade não se sabe  
vencer os naturais appetitos. -

2/5  
p. 63 - O Conde Lourenço de Almeida e sua família  
foram a resistência sobrinha... o vicário  
carnavales...."

p. 66 - Sr. Alvaro Gonçalves Pereira  
diziam ~~passava~~ como era rigido  
e entendiado, assim dizem que era  
antológico e sabedor? Diziam: "mas  
que em sua casa (Op. 67) "tinha pram  
tudo letrado e muito profundo astro-  
lógico" que chamavam mestre Thomas  
o qual previa o futuro de Luis Alvaro

p. 69 - Luis Alvaro "lia amenti  
em livros de estórias especialmente  
de estórias de fallas que fallam de  
Lavoura Redonda. E porque em elle  
achava, que por virtude de virgindade  
fallas acabava pramdes e notava  
feito em outros acabava com porras  
desejava muito de o lembrar  
em alguma quisa; e muitas  
vezes cuidava em si, de ser  
virgem se elle Deus quizesse". -



ff. 70. - A mulher de hum' Alvar  
na dryala se bem que vivea "ca  
o seu primeiro marido nunca  
della ouve tall conheçimento...."

ff. 72 - O caso do alfapeum pageda.

ff. 73. hum' Alvar achu que o conto do  
Andim era obra de Deus "que se queria  
membrar do regno de Portugal".

ff. 84. A alguns do Reino "especialmente  
de os pobros mendos" mento a  
pouca que a mente pouca regedor e defensor  
do Reino. -

ff. 86 - A "maã e desonrada morte"  
do Almirante Lançarote. -

ff. 89 - Mulheres e filhos dos defensores  
do castelo de Evora posto em seu  
caso e nelle amarrados para com  
as ameaças de dentes. "que heve  
hum' joço que os pobros mendos em  
revelhante caso, mento cortamou  
então de pagar". -

pg. 92 - Descrições realista da morte de  
abade de S. Bento de Corva. -

M. 93 - Letra do Porto de "anos mundos"

M. 94 - Discreções de feis e piclos, cir  
meis e iunais, mullhes e mandos  
por causa de levantamento de morte de  
foij. Os "mundos" comiam e for  
contadinos de saintes "e burcau-  
nos e prandion nos tam de voutade  
que parecia que lidavam folle Fe"

M. 97. Recundamento de implem. -

M. 99. brodas brancas chamavam estas  
"graves e barvudas e pillartes". -

M. 99. Um mercado chamado Perrifal.  
M. 99. brodas de rinos: rinhuis

M. 100. alfumeis, que 9 valiam 1 soldo e 20  
soldos 1? libra; barvudas, que valiam  
2 soldos e 4 rinhuis; graves, que valiam  
7 rinhuis; reais de prata, de 10 rinhuis  
e de 56 no marco. Porpe u chama-  
vam assim mas foi mercado. -

ff. 109 - traua presajis pome o castelhanos.  
ff. 119 - 6 "pobros mehor" uam em a baur  
de Catela. -

ff. 120 - D. Lemor nunca se sentia  
vingado enquantos nos tivemos um touel  
deis de lingua do leuam e remem  
de Lisboa. -

ff. 127. Os piden por elrei de Catela. -

ff. 134: "E posto que o ruios e poderos, asi  
alcaides de castello, como outros fidalgos, te  
versem vez por elrei de Catella, os pobros  
porem todos em seus orações eram coex  
ta elle e contra a Rainha". -

ff. 147 - Os castelhanos perjuram o  
leuam e se "alguem douta quise  
exporem, come opinionem inimiga  
de verdade, deve ser enqantado seu  
dito". -

ff. 148. - Elrei de Catela comeca a  
desprazer do modo da Rainha "porque a vio  
amir solta em fallar, tendo feitos em suas fallas  
non suacas cumpria a nother virva". -

- N. 155 - Um franciscano grande amigo de um judeu.
- N. 168 - Bem' Alvariz por do seu de grande nos rjio.
- N. 176 - todo o vencimento he em Deus + vassallos.
- N. 181 - Cartella e Santiago Portugal e São Jorge.
- N. 182 - O historiado de se exprivam de verdade?
- N. 182 - ha mais de Deus esta "tod' vencimento?"
- N. 183 - Bem' Alvariz intertente com a unice que  
 he por Deus. ha qm tentam Deus.
- N. 183 - N. A. o primeiro por em Portugal por e  
 vencer batalha pe' terra.
- N. 213. bilapes e maravilhas amoditadas por F. d.
- N. 220. Descricoes do arcaico castelhaco.
- N. 221. Rua do cambadores me ha empresa + vend  
 de moedas.
- N. 231. Os do louto nos se encavalgado.
- N. 231. fute de Concelho nos tem tres regimentos raros.
- N. 233. nos nos "encavalgado" os do Porto.
- N. 233. nos nos "encavalgado" os do Porto.
- N. 234. Os do Porto "nos nos encavalgado"?
- N. 244 - Torneio de capelinas ao mo de época.
- N. 241 - D. fucalo unia as lentes e lha de as tenas de D. Leonor.
- N. 247. fucalo Vasques unia se em um abençoar seus fies.
- N. 259. Todos, mulheres com filhos nos braços botam a  
 Deus que apide a cara de Portugal. Realper e  
 comveia. salvo se pme mas lindo português.

- ff. 265. Nam, carracas, galões e palcosas. -  
 ff. 268. Morto o cavaleiro por falta de agua. -  
 ff. 273. Suaveo matar o morto com pedras de por outro p...  
 ff. 275. F. L. acredita dos agnos do edipus e um ac...  
 ff. 279. Cartas e Santiago, Portugal e São Jorge. -  
 ff. 294. De o aquitania no ci como fazem os venis...  
 ff. 297. "Entenda da conta no ci como venis..."  
 ff. 304. Entendem: no enter si por foguarias. -  
 ff. 306. Manobras mundanas e judeus nos ps ps pele.  
 Jan por ins deitado fora de cidade durante o cerco. -  
 ff. 306. - billos alvos. -  
 ff. 309. Lumbraças do que radica de? no cerco. -  
 ff. 310 - Deus apito o portuense. -  
 ff. 311 - A peste irca o castelhano e fozza o lus...  
 ff. 318 - Deus fozza de peste o portuense cans o de Irad Biblio...  
 ff. 321. hum' Alvaras de puzando tot' castes e ap...  
 ff. 326. O mestre suprimo em de de: antejis  
 tributos: relefo, pigade de pa e vinhos, morto:  
 mado, anataria, agongagem, palais, meca:  
 tharia, lombo, alcavala. -  
 ff. 330. Reconhe o inimigo a influencia do mulher...  
 sobre seu marido. -

- H. 334. - Influencia feminina.
- H. 334. - Chaves contrapostas p' abri portas de cidade.
- H. 338 - Soltura na linguaagem. -
- H. 342 - Lays poder ddo a Leon' Alvarez. -
- H. 343 - Fala da cidade de Ly? -
- H. 349 - As 6 Idades do mundo segundo Lucilio. Red.
- H. 350. - Propecias do fim do mundo nas de escriptas.
- H. 350. - heita idade "se levantou outra mundo novo e nova geracao de gentes, porque fillos dhomees de tam baixa condicao que non cumpre de viver, por seu boam servizo e trabalho, neste tempo foram feitos cavalleiros chamandose logo de novos linhagees e appellidos".
- H. 353 - Avys de Deus por meio de um tempo.
- H. 355 - Lutegam - e os de pluvadi de xcaud.
- H. 355 - a sua route os fillos e parentes ddo por apens e por sabiam por llo matavam.
- H. 358. - A mudadina pelija e i i 7 fortunas contra 3 ou 4 castelhanos segundo pad des repar. -
- H. 365 e 368. - Juramento prebad nual de um apus. 6 que acortarem em Fernos Pereira. -
- H. 372. 6 vezinhos preente de pad de que ao morte. -

- ff. 373. T. d. escura: u de seu polixo. -
- ff. 375. A ambições para a traicão. -
- ff. 380. broto cruel pelo povo aos traidores. -
- ff. 381. Recusa o inimigo papa novo: de is unia. -
- ff. 382. Crueldade atroz com prisioneiros. -
- ff. 405. Era + paul quem traia o rey de por aos de um pte. -
- ff. 424. Festa de lançar o favolado. -
- ff. 425. Os peitos dos antigos pedras p. os unidos. -
- ff. 425. Uma discreta manidão, ama de ba <sup>em pte</sup> -
- ff. 427. Vandalismo dos senhores sobre o comum povo. -

Fernão Lopes, Crónica de D. João I

- ff. 3. D. João namora companheiros dos fidalgos + nobres e beuques tratador do comum povo. -
- ff. 3. D. João mais digno de reinar por seu por virtudes e boas condições do que o seu real parente de que descendesse. -
- ff. 6 r. D. João e o casamento forçado. -
- ff. 7. D. João levanta a proibição de matar crãos de. -
- ff. 11. manda lavar reis de 1 dinheiro p. valerem 10 pte. -
- ff. 15. Uma queimada que cai morta, mas que rapo. O candidato não cre' no agouro vão. -

30  
pop. 23, 24 e 35. Vantagem do cavaleiro por  
vinhadras. -

M. 37 - Infância precoce. -

M. 58 - O rei de Castela manda vir navios do Rio  
caia e das potências.

M. 58 - Crueldades com prisioneiros. -

M. 58 - Fil Fernando não pode fazer direito de fidelidade

M. 58 - Primogenia de fidelidade sobre vilão. -

M. 64 - Crueldades com prisioneiros. -

M. 66 - Os navios do português apudem de Castela.

M. 72 - Expressões militares usadas - Portugal  
outro imples: vanguarda por deanteira; re-  
taguarda por ragna e alas por cobanias. -

M. 77 - Um corpo que nome na terra do rei  
e com apuros. -

M. 78 - D. João pagia cavaleiros a outros o piz  
juzem re. -

M. 79 - O Condutavel montava umla (cavalos)

M. 80 - A vitória ou desvota vem de Deus.

M. 81 - Mas é o poder de Deus que a força humana.

M. 84 - Entomce Deus reia' juiz. -



ff. 90 - O curista ha de ser muito certo  
em seu negocio. Pertigentemente venha  
em omeado escusou etoria palto aquela  
que vive as curas ou delas ouveve com  
pido embucimant, porq. etoria ha de  
ser ley de verdad e testemunha dos antigos  
tempo. F. l. tem por melhor as curias  
e livros que "es este volume vaõ concordar".

ff. 91 - Abundancia de castellos, propriades  
m portuguezes.

ff. 92 - Bandinas de S. Jorge entre o portuguez

ff. 92 - Livro das curas de uso e costas de curas

ff. 95 - "... a cura nunca se tao bem  
decurra por semelhante como por  
ella nunca...."

ff. 95 - A maioria dos piteiros em Castela

ff. 96 - O alcaide de guarda diz que esta  
curia dupele por quem Deus de a sentença.

ff. 101 - Prohibem os officiais e honras bons  
que em se<sup>o</sup> curas feitiços, leguamentos, chamar  
diabos, descantacoes, obras de vidira, carantofes,  
lançar rodas, rontes ou outra coisa que a arte de  
fizeira nas curias. -

M. 101 - Determinação a respeito de fidei  
 que o carpir sobre os finados e costume de ser  
 morto e descendo do fúterio, sendo especie de  
 idolatria de feza por Deus em seus mandamentos  
 por isso ordina que homem ou mulher haja  
 de carpir ou bradar sobre algum finado,  
 por o pai ou mãi, fillos ou irmãs ou  
 irmãos ou mulher "se por outra maneira perder  
 o seu roço, mas tiverem seu doo e chorarem logo  
 naturalmente e por o contrario fazerem faper  
 cula pena em dinheiro e tempo o finado  
 oito dias em casa. E porque o costume  
 por fúterio se usavam em certos dias do anno  
 assim como dia de janeiro e maio e de Santa  
 Cruz, ordenaram ordenaram que cada um  
 por sempre honrem tres fúterios de cada dia.

M. 103 - S. Jorge capitão e apud de Portugal.

M. 106 - Os cartellanos ou bairros de Lisboa a p...  
 M. 106 - as Tamaritans como refugio de en... -

M. 106 - F. L. nos que aformentar estorias ou  
 e segredos nos nos de creu e de estorias  
 ventadinos faper fabulas patraumbas. -

M. 107 - Jactancia portuguez de F. L. -  
 M. 107 - O rei de Castela vai a... -

em um... -

M. 114 - Pero Botelho cede seu cavalo ao  
 condesevel. -

ff. 116 - F. l. per escudo o cinto, sem  
pauze p. qualquer das partes. Por isso  
não usa de por rousas. -

ff. 120 - Uma covilla do rei de Castella  
alguma as prallos as fidalgos e de  
mava os dos meus cheiros. -

ff. 121 - Descricão realista do modo por  
outra l. a. v. de Aljubarrota. -

ff. 124 - Sempre invocada n. exemplar bibli:  
on a propósito de Catalão: Moisés, De:  
vi, o Macabens. -

ff. 125. Mananilhas que são pinguetas n.  
que são estreme de amarelo por isso  
não é mananilha que acertadamente de  
Aljubarrota. -

ff. 125. F. l. tem por cinto, por  
mananilhas tais como a do alfaqueiro  
de S. Sebastião. Ou a da filha de  
Estevo Aires de Alcaide, de Évora, quem  
us de oito meças que us beco e boavista  
em c. tres vezes e disse com a mão alçada:  
- Portugal, Portugal, por chris D. João. E + outa  
"cintas sem enteadias alguma". -

15  
M. 127. A victoria de Aljubarrota não  
foi por humana força, mas por divina  
juizo. -

M. 128. Os portugueses em Aljubarrota  
não usaram "nova arte de nova belija  
que no antigo tempo usado não foi".  
Ao passo que os castelhanos usavam a  
primeira vez as artilharias. -

M. 138 - A profecia do alfaque. -

M. 142. Bom agouro a morte de um feroz no anaiel.

M. 159 - O papa de Roma absolue o que se li-  
vam largar a causa da reunião do Reino.

M. 162 - Evitamos a guerra nos invernos.

M. 171 - O vencimento do batalhão de D. Din.

M. 176 - O Condado de Évora espedha as venturas de um forte.

M. 177 - O Condado de Évora proibe o armar e o  
usar de dds. Todos os bons costumes em  
Portugal vieram dele. -

M. 178 - Nas batalhas Portugal nunca perdeu  
face mais que a cidade de gueto de Castela

M. 178 - D. João pelo apino de guerra  
não ordenava contra de guerra que o  
fuzilou outros reis. -

N. 179 - lendaças no valor da arcedia. -

N. 184 - 6 Crudeavel manda primeira em escudo.

N. 185 - lendaças em tempo de guerra se fie de amigo ou compadre. -

N. 187 - Comparação os fidalgos portugueses aos cavaleiros da Cavaleia Redonda. -

N. 189. Magna do tipo de 2 alpeiras em 3. -

N. 192 - Cronica de arago em Portugal no anno XIV.

N. 211 - Descricão fisica. O Sr. de Lancastre era homem de bem feitos membros, copioso e direito, não de tantas carnes como apparecia a grandeza do corpo. De poucas cãs na cabeça idade (60 annos aproximadamente) e de boa palavra, não tipica, mesurado e de boas condições. -

N. 217 - Elrei e o Sr. de Lancastre não usavam de du: se a direita ou a esquerda, por não ser em o mesmo tempo. -

N. 226 - F. L. não descreve o fisico de D. Filipo, contentando-se com poucas suas virtudes. -

- ff. 239 - Divergencias entre o inglês e português  
 no papel de Baldeira. D. João deola um  
 português com a mão e por aaltar o  
 de um ao fendo. -
- ff. 247 - feirmento de erro. -
- ff. 257. 6 Beira mar, costume de Portugal. -
- ff. 247 - D. João faz justiça com os proprios mãos. -
- ff. 258. Luminado quem quis mudar o dize de luentar. -
- ff. 308 - Sempre contrain os portugueses a um  
 com Castela. -
- ff. 310. - Os portugueses por nenhum prin  
 unum obedecer a um rei castelhano. -
- ff. 312 - Das abelhas uma só é principal  
 e regedor de todas. -
- ff. 313 - As comunidades de Idalia como  
 feroza e Florence acabaram por ter  
 dizes, isto é picadores por vira as  
 opiniões varias e escolhem a melhor. -
- ff. 314. Se os reis de Castela por um povo  
 por pulado e cavalos haviam entre eles  
 nota viveza e malquerença. -
- ff. 321. - Petrarca citado. -
- ff. 322. - Louvor de castidade. -

- 9
- M. 336 - Os elreiros de ter vassallos. -
- M. 338 - A forma em cera do d'ouro de b'ap'is.
- M. 348 - Usos campestres de trigo novo.  
Dadas por elrei de Portugal a senhora, a  
pedido da Comuidade. -
- M. 349 - As p'enas das suspensas durante  
o inverno. -
- M. 352. Castigo sobrenatural por um  
roubo em ipeje. -
- M. 357. Suspensas: se as p'enas em  
dias santificadas. - (M. 358 - e talvez  
em domingos). -
- M. 369 - O uso de pedras esvadas. -
- M. 375. P'ena elrei que mais vale a ap'ida  
na Virgem do que a do Condutavel. -
- M. 437 - Portugal e um "pequeno Reino",  
comparado a Castela. -
- M. 447. Monte e casamento são "tallados  
no Ceu". -
- M. 447. A vida do Condutavel como exemplo ao oriduo.
- M. 448. Retrato moral do Condutavel. -

20  
M. 449. - O Condostavel pay differença  
entre o de alta - o de pequena cour  
dica. -

M. 450. - Os antigos mais valentes  
que o modernos: "... este pay Capitan  
no tempo que elle no tempo que  
elle e o nobre Capitães eram cheos  
de nobres ~~costumes~~ costumes e afonsos.  
reputados de naturaes virtudes - co-  
mo se largamente acham escritos. =  
Mas agora muitos postumeiros tem  
por um que o vicio todo entranca  
em lugar das virtudes he muito  
de louvar este Condostavel". -